



O SABER SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

*Bianca Gonçalves Silva Torquato
Mariana Silva Oliveira
Livia Ferreira Oliveira*
Manoela Lelis de Carvalho Leitão
Camila Lourencini Cavellani
Vicente de Paula Antunes Teixeira
Mara Lúcia da Fonseca Ferraz*

RESUMO

Objetivo: Investigar o conhecimento dos estudantes do ensino fundamental a respeito das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a prevenção da gravidez indesejada, antes e depois do desenvolvimento de oficinas de trabalho. **Métodos:** trata-se de um estudo descritivo vinculado a Projeto de Extensão Universitária na qual foram realizados encontros semanais com 25 adolescentes do nono ano do ensino fundamental em uma escola pública, no município de Uberaba-MG. Foi aplicado um questionário para avaliação dos conhecimentos dos alunos no primeiro (pré-teste) e no último (pós-teste) dia de realização das atividades, no intuito de comparar a eficácia das oficinas de trabalho. **Resultados:** Diante das atividades lúdicas propostas e com a aplicação de um pré e pós-teste, foi possível perceber uma melhoria do conhecimento intelectual e pessoal desses adolescentes. **Conclusão:** a aplicação do questionário possibilitou obter uma melhoria do conhecimento dos adolescentes, uma vez que as questões respondidas de forma incorreta no momento do pré-teste, apresentaram um melhor resultado no pós-teste. Portanto, a comparação dos dois questionários revela uma absorção das informações e esclarecimento das dúvidas ao término das atividades realizadas.

Palavras-chave: Adolescentes. Sexualidade. Doenças Sexualmente Transmissíveis.

SEXUAL KNOWLEDGE IN ADOLESCENCE

ABSTRACT

Objective: To investigate the knowledge of elementary school students concerning sexually transmitted infections (STIs) and the prevention of unwanted pregnancy, before and after the participation of the students in workshops. **Methods:** This extension project involved weekly meetings with 25 adolescents in the ninth year of elementary education in a public school in the city of Uberaba (Minas Gerais). A questionnaire was used to assess the knowledge of students on the first (pre-test) and final (post-test) days of the activities, in order to evaluate the effectiveness of the workshops. **Results:** The results of the tests revealed improvements in the intellectual and personal knowledge of these adolescents after the workshops. **Conclusion:** The application of the questionnaire confirmed the

* Doutorado em Ciências da Saúde (UFTM). Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG. Contato: liviaenfermg@yahoo.com.br.

effectiveness of workshops, since the questions answered incorrectly in the pre-test showed better results in the post-test. Comparison of the two surveys showed that at the end of the activities, information had been absorbed and doubts had been clarified.

Keywords: Adolescents. Sexuality. Sexually Transmitted Diseases.

CONOCIMIENTO SEXUAL EN LA ADOLESCENCIA

RESUMEN

Objetivo: Investigar el conocimiento de los estudiantes de primaria acerca de las infecciones de transmisión sexual (ITS) y la prevención de embarazos no deseados, antes y después del desarrollo de los talleres. **Métodos:** se trata de un estudio descriptivo vinculado a un Proyecto de Extensión Universitaria, se llevaron a cabo reuniones semanales con 25 adolescentes del nono año de la educación primaria en una escuela pública en la ciudad de Uberaba-MG. Se utilizó un cuestionario para evaluar los conocimientos de los estudiantes en el primer (pre-test) y en el final (post-test) se llevan a cabo las actividades con el fin de comparar la eficacia de los talleres. **Resultados:** Ante las actividades lúdicas propuestas y la implementación de una prueba previa y otra posterior fue posible percibir un crecimiento intelectual y personal de estos adolescentes. **Conclusión:** La aplicación del cuestionario ha permitido demostrar la eficacia de los talleres, ya que las preguntas contestadas de forma incorrecta en el pre-test se evidenció mejores resultados en el post-test. Por lo tanto, la comparación de las dos encuestas muestra una absorción de información y aclaración de las dudas al final de las actividades.

Palabras clave: Adolescentes. La sexualidade. Enfermedades sexualmente transmisibles.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa fundamental do desenvolvimento humano. É uma fase de descobertas e construção de valores, na qual o jovem busca novas experiências e a afirmação de sua identidade. É o momento em que questiona seus valores e seus sonhos, tornando-se importante afastar-se da família, ter autonomia e estar perto de seus pares, de seus amigos, com quem compartilha suas descobertas e medos. Quer ter novas sensações, testar seus limites, saber até onde pode ir ([SILVA et al., 2011](#)).

Nas ações práticas com adolescentes, no âmbito escolar, constatou-se, nas oficinas, nas consultas de enfermagem e nas conversas informais que a temática de seu maior interesse era a sexualidade, a partir da descoberta da sua própria sexualidade, do desenvolvimento do seu corpo, dos relacionamentos, da formação de identidade, gênero e demais aspectos referentes ao tema ([FREITAS; DIAS, 2010](#)). Nesses contatos, percebeu-se a falta de experiência e a resistência de alguns professores, pais ou responsáveis pelos adolescentes, em conversar e explorar a temática. Essa resistência pode ser atribuída a questões educacionais, culturais, desconhecimento, insegurança, preconceitos, entre outros ([FREITAS; DIAS, 2010](#)).

Na atualidade, a incidência de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) vem aumentando, o que traz à tona a necessidade de superar eventuais resistências e esclarecer, principalmente ao grupo que está iniciando sua vida sexual, a importância da prevenção da gravidez indesejada e das DST ([SILVA et al., 2011](#)). No mundo, dos trinta milhões de pessoas infectadas pelo HIV, pelo menos um terço tem entre 10 e 24 anos. Da mesma forma, no Brasil, o número de pessoas com DST tem aumentado, inclusive entre os adolescentes, que são os mais vulneráveis a adquirir estas doenças, por muitas vezes possuírem múltiplos parceiros e não usarem preservativo ([BARRETO; SANTOS, 2009](#); [BELLENZANI; SANTOS; PAIVA, 2012](#)). Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que a cada ano, no contexto mundial ocorrem mais de 340 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis curáveis ([PASSOS et al., 2010](#)).

A sexualidade é, portanto, elemento signifiante na formação da identidade dos adolescentes, manifestada por múltiplas identifições, como da imagem corporal, da descoberta do outro, como objeto de amor ou desejo e da descoberta de si e das relações com os familiares, grupos e profissionais ([BRETAS et al., 2011](#)).

Os processos patológicos sexualmente transmissíveis estão relacionados ao não uso do preservativo, ao consumo do tabaco, do álcool e de outras drogas lícitas e ilícitas sendo que as condições socioculturais e econômicas, vivenciadas pela sociedade das últimas décadas, têm influenciado os adolescentes a iniciarem sua vida sexual precocemente ([MALTA et al., 2011](#)).

A maioria dos adolescentes pode ter conhecimento sobre as medidas de prevenção contra as DST, a dificuldade é que esse conhecimento não tem sensibilizado esta população, pois ainda é grande o número de indivíduos que tem adquirido estas doenças ([HOLANDA et al., 2010](#)).

Com isso, é essencial que a escola, enquanto formadora de opiniões e um ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida sendo um dos principais elementos para contatos interpessoais, possa contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade ([SILVA et al., 2011](#); [ALMEIDA et al., 2011](#)).

O presente estudo tem por objetivo investigar o conhecimento dos estudantes do ensino fundamental matriculados no oitavo e nono ano a respeito das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a prevenção da gravidez indesejada.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, desenvolvido semanalmente entre os meses de maio a novembro de 2013 em uma escola pública no município de Uberaba-MG que ministrava aulas no período vespertino para alunos do nono ano do ensino fundamental, e onde atuava o Projeto de Extensão Universitária "Reflexões com estudantes sobre a sexualidade: as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e a gravidez responsável" vinculado à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

O número total de alunos matriculados no nono ano do ensino fundamental vespertino correspondia a 48 alunos. No período de coleta de dados participaram 25 alunos que se encontravam presentes em sala de aula, aceitaram responder os questionários e participar das atividades educativas do presente Projeto de Extensão Universitária e ainda apresentaram o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos pais e/ou responsáveis. Foram excluídos da amostra final os alunos que optaram

por não participar e/ou responder os questionários e também aqueles em que os pais/responsáveis não autorizaram a sua participação. Diante disso, obteve-se uma amostra final de 25 participantes do estudo (n=25).

Foi aplicado um questionário de autoperenchimento constituído por 25 questões objetivas/fechadas sobre as características sociodemográficas, o início da atividade sexual, o conhecimento das DST e a prevenção da gravidez indesejada, visando à avaliação do conhecimento dos alunos no primeiro (pré-teste) e no último (pós-teste) dia de realização das atividades. A aplicação destes questionários teve duração em torno de 25 minutos cada, sendo realizada por estudantes do Curso de Graduação em Ciências Biológicas e da Pós-graduação em Ciências da Saúde, devidamente matriculados na UFTM.

Entre a aplicação do primeiro (pré-teste) questionário e do último (pós-teste) foram desenvolvidas atividades educacionais por meio de metodologias participativas para trabalhos grupais do tipo oficinas de trabalho. Essas corresponderam ao uso de métodos e técnicas que facilitassem aos integrantes do grupo ressignificarem seus conhecimentos, valores, sentimentos, bem como ampliar as possibilidades de mudança. Foram utilizadas as seguintes estratégias: role-play, estudos de casos, pantomimas, Audiovisual (DVD), mímicas, jogos de adivinhação, exposições dialogadas, representações espaciais de conceitos, representação gráfica ou imaginária de conceitos, jogos de acertos e erros, jogos de associações de ideias, debates de ideias, entre outros.

Os temas desenvolvidos nas atividades foram: corpo humano (órgãos genitais), gravidez não planejada, DST/AIDS, métodos contraceptivos, negociação de sexo seguro, entre outros. A escolha de cada tema foi feita pelos monitores e pelo próprio grupo de alunos por meio da estratégia “caixinha de dúvidas e sugestões”. Essa estratégia implica na adaptação de uma caixa customizada que é passada aos alunos no final de cada encontro, para que eles possam escrever em um papel e colocar na “caixinha de dúvidas” suas dúvidas e sugestões de maneira impessoal. A literatura científica evidencia que trabalhos educativos com adolescentes que utilizam metodologia problematizada possibilitam o alcance de objetivos visto a existência de um diálogo aberto e reflexivo ([ALMEIDA et al., 2011](#); [SOUZA et al., 2007](#)).

Os dados obtidos nas respostas dos questionários foram inseridos em uma planilha e analisados obtendo-se resultados frequenciais/percentuais com tratamento estatístico descritivo, produzidas a partir de planilhas processadas pelo programa Microsoft Excel® para representar as ocorrências dos resultados percentualmente.

RESULTADOS

No total participaram das atividades 25 (100%) alunos participantes que apresentaram idade entre 14 e 17 anos, sendo 13 (52%) do sexo feminino e 12 (48%) do sexo masculino.

Em relação às atividades educacionais do tipo oficinas de trabalho observou-se uma boa interação e aceitação dos adolescentes quanto às dinâmicas; além disso, houve a participação ativa de todos.

Em relação às perguntas abordadas no questionário inicial (pré-teste): quanto à renda familiar 17 (68%) têm renda familiar de 1 a 3 salários mínimos, 4 (16%) têm uma renda de 4 a 5 salários mínimos, 2 (8%) recebem entre 7 a 9 salários mínimos, 2 (8%) têm uma renda superior a 10 salários mínimos e 25 (100%) dos estudantes moram em zona urbana.

Na pergunta referente ao status do relacionamento dos participantes, no pré-teste 17 (68%) alegaram estar solteiros, 4 (16%) estavam namorando, 3 (12%) estavam ficando com a mesma pessoa e 1 (4%) era casada. No pós-teste 15 (60%) alegaram estar solteiros, 3 (12%) estavam ficando com a mesma pessoa, 2 (8%) estavam ficando com mais de uma pessoa e 5 (20%) estavam namorando alguém.

Para tirar as dúvidas sobre sexualidade, no pré-teste, 7 (28%) nunca esclareceram suas dúvidas, 5 (20%) perguntam para os pais, 2 (8%) com os amigos, 4 (16%) com o médico, 4 (16%) conversam com o namorado e 1 (4%) tira suas dúvidas na internet. No pós-teste, 12 (48%) dos adolescentes tiram suas dúvidas com os pais, 3 (12%) tiram as dúvidas com amigos, 3 (12%) perguntam para o médico, 2 (8%) perguntam para algum familiar, 1 (4%) conversa com o namorado, 1 (4%) esclarece as dúvidas com o professor e 1 (4%) procura esclarecê-las através da internet.

Na questão que discorre sobre quem já teve a primeira relação sexual, no pré-teste, 12 (48%) já tiveram relação sexual, 12 (48%) nunca tiveram relação sexual e 1 (4%) não respondeu. No pós-teste, 13 (52%) mencionaram já ter tido sua primeira relação e 12 (48%) nunca tiveram uma relação sexual.

Sobre o significado da sigla DST, no pré-teste 6 (24%) responderam que é uma doença transmitida pela relação sexual e 19 (76%) que é uma doença exclusiva dos profissionais do sexo. No pós-teste, 22 (88%) alegam ser doenças adquiridas através de uma relação sexual sem proteção, 2 (8%) mencionaram serem doenças que se contraem apenas com trabalhadores do sexo e 1 (4%) não soube responder o significado de DST.

No pré-teste, quanto ao conhecimento das DST, 16 (64%) alegaram conhecer apenas a AIDS, 1 (4%), a gonorreia, 3 (12%) conhecem a sífilis, 1 (4%) o herpes genital e 4 (16%) não conheciam nenhuma DST. No pós-teste, 13 (52%) afirmaram conhecer todas as doenças citadas no questionário (sífilis, gonorreia, herpes genital, hepatite B, AIDS e papiloma vírus humano-HPV), 6 (24%) apenas sífilis, gonorreia e AIDS, 4 (16%) apenas a AIDS, 3 (12%) apenas a sífilis, 2 (8%) hepatite B e 2 (8%) não responderam.

No pré-teste, para não contraírem DST, 23 (92%) disseram que é necessário o uso do preservativo e 2 (8%) não souberam responder. No pós-teste, todos os alunos 25 (100%) responderam que para não contrair nenhuma DST deve-se usar o preservativo em qualquer relação sexual.

No pré-teste, 22 (88%) acreditam que todos os adolescentes devem usar o preservativo em todas as relações sexuais, 2 (8%) pensam o contrário e 1 (4%) não soube responder. No pós-teste, 24 (96%) concordam que o preservativo é para ser usado em todas as relações e 1 (4%) não respondeu. Dos 13 adolescentes que já tiveram relação sexual até o momento do pré-teste, 10 (75%) relataram usar esporadicamente e 3 (25%) responderam usar apenas para evitar a gravidez. No pós-teste, dos 13 adolescentes que já tiveram relação sexual, 13 (100%) alegaram estarem usando o preservativo em todas as relações sexuais.

No pré-teste, em relação ao conhecimento do preservativo feminino, 11 (44%) conheciam e 14 (56%) não conheciam. No pós-teste, 22 (88%) conheciam o preservativo feminino e 3 (12%) não conheciam a camisinha feminina, sendo que os 25 (100%) adolescentes, alegaram nos dois questionários, nunca terem usado.

No pré-teste, os métodos contraceptivos conhecidos foram: preservativo masculino 7 (28%), Dispositivo Intrauterino-DIU, 2 (8%), coito interrompido 8 (32%), pílula do dia seguinte 6 (24%) e pílula anticoncepcional 2 (8%). No pós-teste, preservativo masculino, DIU, coito interrompido, pílula do dia seguinte e a pílula anticoncepcional foram os métodos mais conhecidos com 12 (48%) dos estudantes, 8 (32%) conhecem apenas a

pílula do dia seguinte, 4 (16%) conhecem apenas o comprimido anticoncepcional e 1 (4%) conhecem apenas o DIU.

De acordo com as orientações sobre a prevenção da gravidez indesejada, no pré-teste, 4 (16%) nunca receberam orientação, 1 (4%) disse ter recebido na escola, 2 (8%) no posto de saúde, 4 (16%) de informações obtidas em livros e revistas, 5 (20%) de amigos, 5 (20%) de familiares e 4 (16%) na internet. No pós-teste, 12 (48%) afirmaram ter recebido orientações vindas da escola, 7 (28%) receberam orientações dos familiares, 4 (16%) conversam com os amigos sobre o assunto e apenas 2 (8%) buscam orientações em livros e revistas.

No pré-teste, com relação ao conhecimento do significado da sigla HIV, 21 (84%) sabiam seu conceito, 2 (8%) não sabiam e 2 (8%) não responderam. No pós-teste, todos os alunos 25 (100%) disseram saber o significado de HIV.

Para se prevenir contra a AIDS, no pré-teste, 12 (48%) responderam usar o preservativo, 1 (4%) usa esporadicamente o preservativo e 12 (48%) nunca transaram. No pós-teste, 13 (52%) dos estudantes só mantêm relações sexuais com o uso do preservativo, 9 (36%) nunca transaram e 3 (12%) não responderam a questão.

Diante das atividades propostas e a aplicação de um pré e pós-teste, foi possível perceber uma melhoria do conhecimento dos adolescentes. O interesse pela temática foi tanto que os adolescentes solicitaram mais encontros, o que nos incentivou para futuras intervenções referente à sexualidade e demais temáticas.

DISCUSSÃO

O presente estudo aponta que os adolescentes tiram suas dúvidas sobre o tema sexualidade com os pais e amigos. Quando os pais possuem as informações corretas a serem transmitidas, podem ser importantes facilitadores da descoberta da sexualidade dos filhos, podem conversar tirar suas dúvidas e orientá-los nos momentos de dificuldades ([FONSECA; GOMES; TEIXEIRA 2010](#); [ALMEIDA; CENTA, 2009](#)). Porém, outro estudo identificou que a grande parte dos adolescentes tem como principais fontes de informações sobre DST: a televisão, professores, veículos da mídia, como revistas, jornais, livros e conversas informais com amigos, o que ressalta a baixa interferência dos pais sobre o assunto. Muitos pais relatam ter dificuldade em educar seus filhos quando se trata da temática sexualidade, por falta de coragem de se comunicarem sobre o assunto e pela desatenção e falta de interesse dos filhos ([CAMARGO; FERRARI, 2009](#)).

A pesquisa também demonstrou que a maioria dos adolescentes participantes está solteira enquanto a minoria afirma já estar namorando ou “ficando”, cada vez mais se comportando dentro dos modelos modernos socialmente estabelecidos. Podemos observar que cada vez mais cedo crianças de 3 e 4 anos, seja no bairro onde moram ou na escola, apresentam “namoradinhos” com outras crianças de seu círculo de convivência, e muitas vezes até incentivado pelos próprios pais ([BRETAS et al., 2009](#)). Desta forma, crianças e adolescentes aprendem nos primeiros anos de vida que existem diferentes sentimentos de afeto que eles podem sentir por outra pessoa. A expressão “ficar” entre os adolescentes, não é um fenômeno superficial ou modismo, mas conecta-os com outras formações do seu sujeito, produzidas na sociedade moderna. Este ato pode ser a expressão de novos paradigmas de relacionamentos emergentes dos tempos atuais. O “ficar” vai, então, a partir de formas básicas de relacionamento afetivo e sexual entre os adolescentes, se constituindo um jogo erótico e muitas vezes perigoso ([JUSTO, 2005](#)).

O fato de a pesquisa apresentar que adolescentes iniciaram sua vida sexual entre os 13 aos 14 anos é consideravelmente importante. Um estudo aponta que o uso de métodos anticoncepcionais é maior em mulheres que tiveram uma iniciação sexual mais tardia, do que as que tiveram uma iniciação até os 15 anos ([AYRES, 2009](#)). Outro dado interessante é de que o uso do preservativo durante as primeiras relações sexuais aumenta a probabilidade do uso dele nas próximas relações. Isso mostra que jovens que fazem o uso do preservativo na iniciação sexual, tendem a manter esta prática no decorrer de sua vida sexual ([TEIXEIRA et al., 2006](#)).

Quando se trata de prevenção, todos os alunos participantes sabem que para não contraírem DST basta utilizar constantemente o preservativo. Porém, uma controvérsia ocorre quando apenas metade confirma fazer o uso dele em todas as suas relações sexuais. De um modo geral, os adolescentes não possuem a capacidade de negociar o sexo seguro e o uso do preservativo com seus parceiros, também possuem a crença de que se relacionam sexualmente apenas com pessoas saudáveis, expondo-se a vulnerabilidades de contraírem alguma DST e da gravidez precoce ([HOLANDA et al., 2010](#); [BESERRA](#); [ARAÚJO](#); [BARROSO, 2006](#)).

Quando se trata de prevenção, as garotas demonstram possuir mais conhecimento que os rapazes, principalmente no que diz respeito ao uso do preservativo masculino e a ida a consultas médicas periódicas ([BRETAS et al., 2009](#)). Em níveis imaginários dos adolescentes, o fato de conhecerem o parceiro, elimina as chances de adquirir alguma DST, pois os adolescentes desconhecem que as doenças possuem um período de latência que não apresenta sintomas, o que encobre a doença durante um período de tempo. Outra possibilidade do desuso do preservativo pode ser o fato de que muitos alunos alegaram que o preservativo masculino diminui o prazer na relação sexual ([VIEIRA](#); [PAIVA](#); [SHERLOCK, 2001](#)).

Dados semelhantes como os desta pesquisa demonstram que a anticoncepção de emergência tem sido o terceiro método mais usado entre as mulheres não unidas e sexualmente ativas, e o quinto entre as mulheres unidas. É essencial o cuidado com a divulgação e distribuição deste método, pois as mulheres podem fazer uso regular dele, abandonar o preservativo e outros métodos contraceptivos regulares. O uso inadequado provocaria o abandono do processo de educação sexual, à medida que mulheres e homens priorizam um método contraceptivo para situações emergenciais no pós-coito ([SOUZA](#); [BRANDÃO, 2012](#)).

Frente à temática gravidez, as majorias dos participantes da pesquisa afirmam ter recebido orientações vindas principalmente da escola. A escola ao oferecer a educação sexual, contribui com a comunicação e relações interpessoais para que os adolescentes possam fazer escolhas conscientes e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Compreendendo a responsabilidade de seu próprio comportamento e tomando decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual ([SILVA et al., 2011](#); [BORGES](#); [NICHATA](#); [SCHOR, 2006](#)).

Quando os adolescentes não possuem um espaço adequado para discutirem o tema sexualidade, assunto tão relevante para o seu desenvolvimento, ficam ansiosos, gerando culpa e medo, pela falta de oportunidade de conhecer sua sexualidade como algo sem preconceitos e natural ([FONSECA](#); [GOMES](#); [TEIXEIRA, 2010](#)).

A escola passou a ser vista como um bom espaço de intervenção sobre a sexualidade com os adolescentes, sendo um local privilegiado para a implementação de políticas públicas de promoção a saúde para adolescentes ([FONSECA](#); [GOMES](#); [TEIXEIRA, 2010](#)). Portanto, a educação sexual na escola deve se dar no âmbito

pedagógico, as aulas de sexualidade devem ser um espaço em que possamos problematizar temáticas, levantar questionamento e ampliar o conhecimento e visão de mundo, através de conversas e dinâmicas. Pelo menos uma aula semanal é importante, para que os jovens tenham um espaço para tirar suas dúvidas e trabalhar temas importantes para seu dia a dia, na interação com outros jovens. Nas aulas devem-se discutir os preconceitos à sexualidade, as diferentes crenças, os tabus e as atitudes da nossa sociedade ([MAIA et al., 2012](#)).

CONCLUSÕES

O presente estudo possibilitou concluir que houve melhoria do conhecimento, da absorção das informações e do esclarecimento das dúvidas ao término das atividades dos estudantes a respeito da temática abordada. Cabe destacar que o envolvimento de educadores com adolescentes dentro da escola é essencial, pois colabora com a diminuição de dois casos de saúde pública: a gravidez precoce não planejada e o contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

Sendo assim, torna-se essencial a realização de novos estudos visando não somente à identificação das falhas do conhecimento, mas também atividades que favoreçam a sensibilização dos adolescentes em relação as DST e a gravidez precoce não planejada. Além da investigação de variáveis que estejam relacionadas à resistência nas culturas familiares e escolar sobre a temática sexualidade.

SUBMETIDO EM 30 mar. 2016

ACEITO EM 17 ago. 2017

REFERÊNCIAS

[AFONSO, M. L. M.](#) **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. 3. ed. Belo Horizonte: Campo Social; 2010.

[ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L.](#) A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **ACTA Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.22, n.1, 2009.

[ALMEIDA, S. A. et al.](#) Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.32, n.1, 2011.

[AYRES, J. R. C. M.](#) Organização das ações de atenção à saúde: modelos e práticas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, n.2, p.11-23, 2009.

[BARRETO, A. C. M.; SANTOS, R. S. A.](#) A vulnerabilidade da adolescente às doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.13, n.4, 2009.

[BELLENZANI, R.; SANTOS, A. O.; PAIVA, V.](#) Agentes comunitárias de saúde e a atenção à saúde sexual e reprodutiva de jovens na estratégia saúde da família. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v.21, n.3, 2012.

[BESERRA, E. P.; ARAÚJO, M. F. M.; BARROSO, M. G. T.](#) Promoção da saúde em doenças transmissíveis - uma investigação em adolescentes. **ACTA Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.19, n.4, 2006.

[BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N.](#) Conversando sobre sexo: a rede sócio familiar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v.14, n.3, p.422-427, 2006.

[BRETAS, J. R. S. et al.](#) Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.43, n.3, pp. 551-557, 2009.

[CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P.](#) Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, 2009.

[FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O.; TEIXEIRA, K. C.](#) Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, 2010.

[FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z.](#) Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.19, n.2, p.351-357, 2010.

[HOLANDA, M. L. et al.](#) O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v.15, n.4, 2010.

[JUSTO, J. S.](#) O "ficar" na adolescência e os paradigmas do relacionamento amoroso na contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v.17, n.1, p.74-75, 2005.

[MAIA, A. C. B. et al.](#) Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.17, n.1, 2012.

[MALTA, D. C. et al.](#) Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.14, 2011.

[PASSOS, M. R. L. et al.](#) Há aumento de DST no carnaval? Série temporal de diagnósticos em uma clínica de DST. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v.56, n.4, 2010.

[SILVA, K. L. et al.](#) A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.15, n.4, p.605-611, 2011.

[SOUZA, M. M. et al.](#) Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 1, p. 102-105, 2007.

SOUZA, R. A.; BRANDÃO, E. R. À sombra do aborto: o debate social sobre a anticoncepção de emergência na mídia impressa brasileira (2005-2009). **Interface** (Botucatu) [Online], Botucatu, v. 16, n. 40, p. 161-176, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832012000100013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 fev. 2015.

TEIXEIRA, A. M. F. B. et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens em três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22, n.7, p.1385-1396, 2006.

VIEIRA, N. F. C.; PAIVA, T. C. H.; SHERLOCK, M. S. M. Sexualidade, DST/AIDS e adolescência: não quero falar, tenho vergonha. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, v.13, n.4, p.46-51, 2001.